

ANIMAÇÃO EM CONTEXTO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

Dra. Helena Correia

Técnica Superior de Animação Sociocultural

"Há o hábito de pensar que se entra numa biblioteca para procurar um livro. Não é verdade. Sim, por aí se começa mas o que na realidade se busca é a aventura."

Humberto Eco

Introdução

Numa realidade onde o mundo passou a ser visto como um todo, uma "aldeia global" pela rápida e massiva circulação de informação, na procura de uma *standartização* de culturas e união de nações, verifica-se o crescente acesso aos meios informáticos e media. Vivemos a um ritmo demasiado acelerado, numa sociedade sujeita a transformações profundas e constantes, sustentada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação que, inegavelmente, ganharam vantagem apelativa sobre o livro.

Se antigamente a leitura só era acessível a uma pequena franja da sociedade (a dita elite), com o desenvolvimento da democracia ao longo do último século, cresceu o direito à participação activa de toda a população no sistema de ensino. Surge a consciencialização do direito de todos ao ensino e à leitura.

O livro e o papel da leitura deixam de ser uma necessidade social e passa a ser uma necessidade do indivíduo.

Segundo o artigo do UNESCO de 1975 "*Développer l'habitude de la lecture*", o direito de ler do indivíduo subentende também, o direito deste em desenvolver as suas capacidades intelectuais e de se instruir.¹

No entanto, embora se verifique um variado leque de publicações nas mais diversas áreas – onde a escolha individual se revela de grande importância – o surgimento de

¹ *Développer l'habitude de la lecture*, UNESCO, Paris, 1975.

recursos como o *e-book* (livros electrónicos), computadores portáteis de rápido acesso à internet e o elevado preço dos livros, pode levar ao desinteresse e à perda dos hábitos de leitura.

O acto de ler tem, no entanto, vantagens únicas que conferem à leitura uma grande flexibilidade quer ao nível da instrução, quer ao nível do lazer. Ao ler o indivíduo não se limita à programação dos diferentes canais de televisão ou das músicas disponíveis naquele momento. O leitor pode ler onde e quando quiser estabelecendo o seu próprio ritmo. Pode ler, reler, interromper e voltar a começar de novo. A grande vantagem da leitura reside no facto de poder ser feita onde o leitor quiser e como quiser. E porque, o que está escrito numa página não é tangível, nem visível, como num filme, o poder ilimitado da imaginação faz novo todo, um livro, de cada vez que é lido.

1. A biblioteca

Biblioteca vem do grego «*bibliothéke*», que se definia como “depósito de livros”. Mas, mais do que um “depósito de livros”, uma biblioteca é, hoje em dia, uma colecção de livros organizados devidamente justificando a sua existência quando o conhecimento aí existente se encontra acessível a todos.

Nos últimos anos tem-se vindo a verificar uma transformação do espaço biblioteca e, assiste-se hoje a uma saudável coexistência de recursos tecnológicos e informáticos num espaço que era por excelência dedicado aos livros. A biblioteca tornou-se num centro de documentação acessível aos leitores, através do seu acervo, mas também num centro social e cultural pelas actividades de animação aí promovidas.

Assim, podemos encarar a animação como um conjunto de práticas que, neste contexto, além da valorização do património da biblioteca pretende atingir, também, a valorização do indivíduo, a educação permanente e o enriquecimento da vida cultural das comunidades. Nesta perspectiva, o grande objectivo do animador é o de quebrar o estigma social de que as bibliotecas se destinam somente a um determinado público. O animador em contexto de biblioteca procura promover o livre acesso de todos os leitores àquele espaço e à informação nele disponível. Procura promover-se o contacto com o documento, tornar o conhecimento participado. É

então estabelecida uma relação simbiótica entre a comunidade e o espaço biblioteca.

1.1 Rede de Bibliotecas Públicas

Para se conseguir entender o surgir das bibliotecas escolares (BE's) é necessário conhecer o investimento que existiu ao nível da valorização da rede de bibliotecas públicas.

“Em 1987, por iniciativa da então Secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia, e na sequência do relatório de um grupo de trabalho constituído para o efeito, sob coordenação de Maria José Moura (Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal, 1986), foi lançado o Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

O primeiro objectivo do Programa era dotar todos os concelhos do País de uma Biblioteca Pública, de acordo com os princípios e normas estabelecidos internacionalmente. Tratava-se de uma tarefa que, à partida, se revelava difícil, uma vez que em Portugal não existiam praticamente bibliotecas que funcionassem de acordo com esses princípios: serviços diversificados para adultos e crianças, colecções abrangentes e em diferentes suportes, empréstimo domiciliário, livre acesso às estantes, etc.”²

As bibliotecas anteriores ao Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP), eram espaços vocacionados para o empréstimo domiciliário a adultos e para a consulta de jornais periódicos por parte de públicos não activos. Eram espaços que não cativavam o público infantil, além de que o seu horário de funcionamento não era conciliável com o horário escolar. Com a implementação do programa da RNBP, estas bibliotecas foram sujeitas a obras de remodelação e foram implementadas novas formas de organização. Aos poucos, o espaço da biblioteca passou a contar com mais e variados recursos e a presença das crianças é hoje natural e habitual extinguindo a imagem excessivamente formal destes locais. Ainda anterior ao programa da RNBP aconteceu aquele que pode ser considerado o primeiro projecto de animação da leitura, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian – as bibliotecas itinerantes. Este projecto surgiu para colmatar as lacunas existentes no interior do país, no que dizia respeito á existência de bibliotecas. Um conjunto diversificado de livros era levado numa carrinha a diversas

² <http://www.dglb.pt>

localidades do interior do país promovendo o livre acesso aos livros e o empréstimo domiciliário. Os motoristas destas carrinhas, munidos apenas de livros e do seu próprio entusiasmo, foram os primeiros animadores de bibliotecas.

As bibliotecas construídas numa fase posterior ao programa da RNBP foram já edificadas segundo uma lógica de organização de espaços e de resposta aos novos públicos que se pretendiam cativar.

1.2 Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)

A Rede de Bibliotecas Escolares foi constituída em 1996 com o objectivo de dotar de bibliotecas escolares todos os estabelecimentos de ensino.

*"Face aos pressupostos atrás enunciados decidiu o Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Cultura criar o Programa Rede de Bibliotecas Escolares em 1996, tendo como objectivo principal a instalação de bibliotecas escolares nas escolas de todos os níveis de ensino. Considerou-se, assim, que a criação de uma rede de bibliotecas constituía uma das medidas da política educativa nacional."*³

A criação das BE's veio promover hábitos de leitura desde tenra idade, a pesquisa e produção de documentos em diversos materiais e suportes bem como desenvolver novas formas de aprendizagem. A aprendizagem deixar de estar circunscrita à sala de aula e ao docente, alargando-se, entre outros, ao espaço da biblioteca escolar e ao seu animador.

Desta forma, é lançado pela rede de BE's um conjunto de princípios tendo em vista a criação destes espaços norteados por normas comuns a todos eles:

- " • As bibliotecas escolares são recursos básicos do sistema educativo, sendo-lhes reconhecido um papel central nos domínios da leitura e da literacia, da Construção do Perfil de Competências do Animador de Leitura aquisição de competências de informação e do aprofundamento da cultura, em geral;*
- Cada biblioteca deve constituir-se como um centro de recursos educativos multimédia de livre acesso, destinado à consulta e à produção de documentos em diferentes suportes;*

³ <http://www.rbe.pt>

- *As bibliotecas escolares constituem núcleos fundamentais da organização pedagógica das escolas e instrumentos essenciais do desenvolvimento curricular, afectos às actividades de ensino e actividades curriculares não lectivas, e também à ocupação dos tempos livres e de lazer;*
- *O desenvolvimento da biblioteca de uma escola deve ser entendido como um processo endógeno, se bem que estimulado e sustentado do exterior, e como uma inovação organizacional capaz de induzir mudanças na própria escola, sendo, nesta medida, indissociável do seu projecto pedagógico;*
- *Para cumprir os seus objectivos, as bibliotecas devem dispor de um conjunto de condições: espaço e equipamento adaptados à diversidade das suas funções, fundo documental ajustado aos interesses e necessidades da comunidade escolar, uma equipa de professores e técnicos com formação adequada e uma dotação orçamental própria.*⁴

1.2.1 A dinamização das BE's

Até ao ano de 1996 as funções de bibliotecário escolar eram desempenhadas por professores com dispensa parcial ou total da componente lectiva e sem qualquer formação específica, quer na área de bibliotecário quer na área de animação. A partir de 1996 o Ministério da Educação disponibilizou formação específica para os docentes que desejassem desempenhar as funções de professor bibliotecário. Actualmente, já é possível aceder a pós-graduações e/ou cursos de formação especializada nesta área como é exemplo do curso de *Formação Especializada em Comunicação Educacional e Gestão da Informação – Bibliotecas Escolares*, ministrado na Escola Superior de Educação de Beja.

E se até 1996, o trabalho desenvolvido pelos funcionários das BE's se limitava á organização do acervo bibliográfico e do arquivo da escola bem como à disponibilização dos livros que os alunos requisitavam, hoje em dia os animadores das BE's têm um mapa de acção bastante mais vasto.

2. Mediador ou Animador da leitura?

São vários os autores que referem o conceito de mediador da leitura e outros que preferem a designação de animador da leitura. Porém, não é feita uma distinção clara e concisa destes termos sendo facilmente confundido o uso do termo mediador da leitura e o de animador da leitura. Tal imprecisão pode advir do desconhecimento

⁴ <http://www.rbe.min-edu.pt>

que ainda se verifica sobre o profissional de animação ou da recente aposta em profissionais devidamente qualificados para desempenhar funções nas BE's.

De acordo com a autora Ana Pessoa (1994: 105,106) o perfil de um mediador da leitura deve passar por divulgar e rentabilizar os espaços existentes na biblioteca, os documentos e recursos aí existentes bem como a sua utilização e respectivas modalidades de uso; promover a formação de utilizadores em geral e dos professores em particular, apoiar e divulgar a utilização das novas tecnologias na BE, divulgar projectos ou experiencias e realizar oficinas de trabalho sobre pesquisa documental, referências bibliográficas, etc.

Por outro lado, o Plano Nacional de Leitura (PNL) disponibiliza um perfil de competências do mediador da leitura onde, mais facilmente, se reconhecem competências do profissional de animação. Segundo o PNL, o mediador da leitura deve:

“ • Sensibilizar para a importância da leitura desde a primeira infância, para a criação do gosto pela leitura e a construção progressiva da autonomia do leitor;

• Promover o contacto precoce com o livro;

• Narrar histórias;

• Ter técnicas de leitura em voz alta;

• Encontrar estratégias de animação centradas na relação entre a leitura e a escrita, e entre a leitura e as expressões plástica, musical, poética, teatral;

• Utilizar as novas tecnologias e da informação on-line para a experimentação da leitura e da escrita;

• Criar instrumentos informáticos interactivos que estimulem a Leitura;

• Promover o contacto com o universo da poesia;

• Informar sobre livros, literatura para a infância e para a juventude. “

Funções estas que vão de encontro ao papel do animador enquanto interventor sociocultural.⁵ Nesta perspectiva, o animador da leitura deve ser um profissional com uma renovação constante de técnicas que pretendem criar o hábito do contacto e manuseamento do objecto “livro”, desenvolver a necessidade de ler e estimular o prazer no acto da leitura.

Pode afirmar-se que a grande distinção entre o mediador e o animador da leitura reside no facto de o mediador da leitura trabalhar **para** a comunidade e animador trabalhar **com** a comunidade.

⁵ Cadernos de Formação nº4 – *Animação de Bibliotecas de pequena comunidade*. Agosto. 1997

Pedro Cerrillo afirma que *“el objetivo único de la animación de la lectura debiera ser la mejora de los hábitos lectores de los individuos a quienes se dirige la animación, hasta lograr crear en ellos hábitos lectores estables (...) hoy entendemos como animación la lectura (...) conjunto de actividades, técnicas y estrategias que persiguen la práctica de la lectura, aunque teniendo en el horizonte la meta de formar lectores activos.”* (Cerrillo, Pedro. 2002)

Por forma a conseguir criar hábitos de leitura estáveis ou promover o seu surgimento, o animador de biblioteca deverá ser um entusiasta na leitura, realizando um trabalho sistemático com o recurso a várias e diversificadas estratégias de intervenção. Segundo Glória Bastos (1999) *“não há receitas infalíveis nem fórmulas mágicas”*. A confiança e sucesso da intervenção do animador advêm da variedade das experiências e da partilha de conhecimentos. Ainda na opinião da referida autora, deverá atentar-se na distinção entre leitura individual e animação da leitura. A leitura pode ser um acto individual, voluntário e silencioso que exige concentração e esforço por parte do leitor. Por seu lado a animação da leitura é, geralmente, um acto colectivo, social e dirigido o qual implica ruído e movimento como a leitura em grupos, debates sobre o que se lê, criação de novos textos e histórias por exemplo.

Conclusão

Na sociedade actual onde nos inserimos considerada uma sociedade do conhecimento e da informação, os níveis de literacia e os hábitos de leitura são uma questão de grande importância quando se fala em desenvolvimento sociocultural e tecnológico.

O ganho de hábitos de leitura e o prazer em ler é algo difícil de incutir e pode revelar-se uma objectivo bastante complicado de atingir. Assim, a presença do animador nas bibliotecas escolares revela-se de extrema importância. Saber ler, compreender e interpretar são fases de um longo e demorado processo que nem sempre se revela acessível a todos.

As bibliotecas escolares são fundamentais na intervenção ao nível das faixas etárias mais jovens, permitindo o contacto com o livro e a leitura às crianças num contexto informal. É fulcral que o animador das BE's seja capaz de desenvolver ao mesmo tempo que a capacidade de leitura e expressão oral as competências que

fazem parte dos diferentes tipos de expressão (expressão corporal e gestual, a dramatização, etc.).

Para fazer frente à bibliofobia que se vinha a verificar nas bibliotecas nacionais, o governo apostou na criação de uma rede de bibliotecas públicas e bibliotecas escolares que respeitam novos e cativantes parâmetros. Foi ainda criado como estratégia de intervenção o Plano Nacional de Leitura (PNL) que abrange todos os níveis de ensino.

É ainda de realçar o importante papel desempenhado pela Fundação Calouste Gulbenkian na promoção do livro e dos hábitos de leitura, pioneira em actividades como o caso das bibliotecas itinerantes.

Actualmente, são canalizadas verbas para as escolas e autarquias para que se dotem as bibliotecas escolares e publicas de mais e melhores equipamentos. No entanto, é urgente rentabilizar da melhor forma os recursos disponíveis e deve apostar-se cada vez mais em profissionais com a formação adequada. Cada vez mais os contextos de aprendizagem excedem as paredes da sala de aula, daí que faça todo o sentido que as intervenções de animação da leitura planificadas e implementadas no espaço da biblioteca escolar sejam da responsabilidade de profissionais qualificados na área da animação.

“ Não existe uma lista de livros que seja absolutamente necessário ter lido ou sem os quais não haverá salvação nem cultura. O que existe para cada homem, é um determinado número de livros nos quais só ele, esse homem singular, pode ir encontrando satisfação e prazer. Descobrir pouco a pouco esses livros estabelecer com eles uma relação duradoura (...) constitui para cada indivíduo tarefa pessoal e particular.”

Herman Hesse

Bibliografia

- ANDER-EGG, Ezequiel. *O léxico do animador*. ANASC. Amarante: 1999.
- LOPES, Marcelino de Sousa. *Animação sociocultural em Portugal*. Intervenção. Amarante: 2006.
- TRILLA, Jaume (coord.). *Animação Sociocultural – teorias, programas e âmbitos*. Instituto Piaget. Lisboa: 2004.

- ANDER-EGG, Ezequiel. *Metodologias y practicas de la animación sociocultural*. Editorial CCS. Madrid: 2000.
- Cadernos de Formação nº4. *Animação de bibliotecas de pequena comunidade (2ª edição)*. IMPRESSE4. 1997.
- ECO, Umberto. *A biblioteca*. Difel. Lisboa (s/d).
- CERRILO, Pedro *et alii*. *Libros, lectores y mediadores*. Ediciones de la Universidad de la Mancha. Cuenca: 2002.
- MANZANO, Mercedes G. del. *A criança e a leitura: como fazer da criança um leitor*. Porto Editora. Porto: 1998.
- PESSOA, Ana Maria. *A biblioteca escolar*. Campo das letras. Porto: 1994.

Webgrafia:

- <http://www.gulbenkian.pt>
- <http://www.biblarte.gulbenkian.pt>
- <http://www.casadaleitura.org>
- <http://www.min-edu.pt>
- <http://www.dglb.pt>
- <http://www.rbe.min-edu.pt>
- <http://planonacionaldeleitura.gov.pt>

Dados da Autora

Licenciada em Animação Sociocultural pela Escola Superior de Educação de Beja em 2006. No entanto, há já vários anos está ligada a acções de voluntariado em vários âmbitos de Animação Sociocultural e numa associação humanitária. Animadora Sociocultural em bibliotecas escolares desde 2008.